UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

AUGUSTO LEONCIO REIS

CARLOS KURZ

GABRIEL PUCCI CRISTINO

MONIQUE DIAS BITENCOURT

A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS NOS PÓS-SEGUNDA GUERRA (1945-1970) E O CINEMA COMO FERRAMENTA DE *SOFT POWER*

São Paulo

2022

AUGUSTO LEONCIO REIS

CARLOS KURZ

GABRIEL PUCCI CRISTINO

MONIQUE DIAS BITENCOURT

A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS NOS PÓS-SEGUNDA GUERRA (1945-1970) E O CINEMA COMO FERRAMENTA DE *SOFT POWER*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade São Judas Tadeu, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Profª Drª Clarissa Nascimento Forner

São Paulo

2022

Dedicamos este trabalho a todos que acompanharam nossa trajetória estudantil, desde os nossos familiares, até amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Agradecendo primeiramente a Deus, por ter nos dado saúde e força nessa trajetória para chegarmos aonde estamos, a nossa orientadora Clarissa por todo o auxílio e paciência na estruturação do artigo, e a todos professores da instituição São Judas Tadeu, que nos trouxe conhecimento ao decorrer de cada semestre cursado e aos nossos familiares por nos dar o suporte necessário.

A PROJEÇÃO INTERNACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS NOS PÓS-SEGUNDA GUERRA (1945-1970) E O CINEMA COMO FERRAMENTA DE *SOFT POWER*

THE INTERNATIONAL PROJECTION OF THE UNITED STATES IN THE POST-WORLD WAR II (1945-1970) AND CINEMA AS A SOFT POWER TOOL

Augusto Leoncio Reis

Carlos Kurz

Gabriel Pucci Cristino

Monique Dias Bitencourt

Resumo: A pesquisa se debruça sobre o conceito de *soft power* e a construção da imagem dos Estados Unidos da América (EUA) como potência no sistema internacional, através do papel desempenhado pela da indústria cinematográfica, do período pós-Segunda Guerra Mundial até a década de 1970, durante a Guerra Fria (1947-1989). Em termos metodológicos, será utilizada a abordagem descritiva e exploratória, além da revisão da literatura especializada e da pesquisa documental, como formas de compreender a vinculação entre o aumento da projeção estadunidense e o emprego das ferramentas de *soft power,* mediante o estudo dos impactos das produções cinematográficas na construção da identidade nacional e internacional do país.
Palavras chaves: *Soft power.* Estados Unidos. Cinema.

Abstract: The research focuses on the concept of soft power and the construction of the image of the United States of America (USA) as a power in the international system, through the role played by the film industry, from the post-World War II period until the 1970s, during the Cold War (1947-1989). In methodological terms, a descriptive and exploratory approach will be used, in addition to a review of specialized literature and documentary research, as ways of understanding the link between the increase in US projection and the use of soft power tools, through the study of the impacts of cinematographic productions in the construction of the national and international identity of the country.
Keywords: Soft power. United States. Cinema.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade o ser humano busca formas de documentar e passar seus conhecimentos para as próximas gerações. Antes mesmo de a escrita surgir, os primeiros hominídeos, durante o período da Pré-história, usavam pinturas para contar uma história e até mesmo mostrar acontecimentos importantes, como a descoberta do fogo (MARQUES, C., 2016).

Conforme a sociedade foi se desenvolvendo, as formas de escrita e documentação foram evoluindo ao mesmo tempo: passando pela escrita cuneiforme, pelos papiros até a máquina de escrever. A arte, em conjunto com a escrita, também se mostrou muito eficaz como forma de documentar fatos históricos. Através do teatro, muitas histórias conhecidas até o tempo presente foram contadas.

Em 1889, William Dickson, assistente de Thomas Edison, criou o cinetoscópio, a primeira máquina de captar imagens em movimento (DICKSON, 1895). O problema na época é que não era possível a projeção dessas imagens em tela e fazia com que o espectador tivesse que observar tais imagens através de uma lente, parecido com um microscópio. Assim, a ideia principal seria juntar o cinetoscópio com o fonógrafo, um aparelho também inventado por Edison para gravação e reprodução de sons através de um cilindro, porém isso não foi possível na época e Thomas Edison não conseguiu registrar a patente, desencadeando uma onda de invenções de novos equipamentos que tiveram o cinetoscópio como inspiração.

Uma delas foi o cinematógrafo, criado por Léon Bouly em 1893, tornando possível a projeção das imagens em movimento em tela. Permitindo que diversas pessoas pudessem vê-las simultaneamente. Com o desenvolvimento de tais invenções, foi possível a criação de uma nova arte, o cinema.

O cinema ao longo da história tem sido usado como forma de retratar a realidade e as transformações que ocorrem na sociedade, de acordo com Sérgio Muniz em entrevista para a Revista Aurora: “O Cinema pode servir de ‘radar’ indicando mudanças que ocorrem na sociedade ou de sonhar com caminhos que muitas vezes nem sabemos que sonhamos.” (MUNIZ, 2009 apud MEDEIROS, 2017).

Wagner Pereira (2003 apud ARANTES, 2013) analisou as produções cinematográficas ao longo do regime nazista e enfatizou o uso dos meios de comunicação em massa, destacando o cinema como arma de propaganda político-ideológica, contudo, utilizada para controle da opinião pública.

Por possuir um valor imensurável, assim como outras formas de arte, tornou-se um poder importante para os governos de todo o mundo.

Atualmente conhecido como *soft power,* uma expressão usada nas Relações Internacionais para descrever a habilidade de um Estado, em influenciar indiretamente os interesses ou comportamentos de outros países, governos ou corpos políticos por meios culturais ou ideológicos.

A cinematografia estadunidense passou a ter grande destaque mundialmente e um grande papel de influência, entre o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o início da Guerra Fria (1947-1989), perante as demandas do combate à ideologia comunista.

Nesse artigo discutiremos como os Estados Unidos passaram a usar o cinema como forma de *soft power* e a sua influência na projeção internacional do país, entre 1945 e 1970.

A pesquisa, será de metodologia descritiva e eminentemente qualitativa, através de levantamentos bibliográficos de artigos, livros e trabalhos acadêmicos sobre o tema. Além disso, analisaremos estudos sobre os temas de ideologia e cultura, nos quais o cinema tem grande influência.

Primeiramente, será discutido o conceito de *soft power,* colocando em pauta sua aplicabilidade, quais os porquês de ser utilizado como uma ferramenta, quais suas vantagens, e também sua relação com o cinema.

Já na segunda seção, vamos analisar a questão cultural e ideológica dos Estados Unidos, mostrando a construção dos valores relacionados ao *American Way of Life.* Discutiremos como filmes como Dr. Strangelove, Rocky IV e Bastardos Inglórios carregam diversos aspectos do *soft power*.

Por fim, discutiremos a ascensão dos Estados Unidos, durante o período de 1945 a 1970, observando o modo de lidar do país com a guerra, não só no campo geopolítico mas também sobre a influência no mundo artístico e a posição de poder. Com isso, será possível analisar a ascensão dos Estados Unidos da América como potência global e os resultados de *soft power* implementados como fator estratégico de controle cultural e ideológico entre o pós-Segunda Guerra e a primeira fase da Guerra Fria

2 O CONCEITO DE *SOFT POWER*

A Guerra Fria (1947-1989) foi uma disputa entre os campos militar, econômico e cultural-ideológico. Todavia, Nye (2004) afirma que a disputa no campo ideológico teve como maior influência a cultura popular, e assim foi ganha: o bloco soviético não tinha a mesma capacidade de disputa contra os Estados Unidos - as ferramentas *soft power* das quais eles dispunham, foram desperdiçadas, enquanto sua imagem se degradava.

Segundo o teórico de Relações Internacionais, John Mearsheimer (2001), o poder tem relação com a influência ou com o controle que um Estado tem sobre outro. Joseph Nye (2002) apresenta dois comportamentos de poder que pertencem a dois campos diferentes, porém se tornam similares, eles são: *Soft Power* e *Hard Power:*

> *Soft power* não é um mero sinônimo para influência. Afinal de contas, influência também pode ser exercida através de *hard power*, via ameaças ou pagamentos. *Soft power* é mais do que simples persuasão ou habilidade de convencer pessoas através de argumentos, embora esta seja parte importante dele. É também a capacidade de atrair, e atração frequentemente conduz à aquiescência. Simplificando, em termos comportamentais *soft power* é o poder de atração. Em termos de recursos, são considerados recursos de *soft power* os ativos capazes de produzir tal atração. (Nye, 2004, pág. 6).

*Soft Powe*r é o contraste do *Hard Power* - poder exercido sob a forma de coerção: uso da força, ameaça do uso da força ou sanções econômicas – ambos conceitos criados e discutidos por Joseph Nye no livro "O Paradoxo do Poder Americano", publicado em 2002. O *soft power* representa o uso da persuasão e influência para alcançar os objetivos de política externa. O autor criador do conceito, inicialmente definiu três fontes primárias de *soft power*: a) os valores políticos; b) a cultura; e c) a política externa. Assim o *soft power* se afasta das ferramentas tradicionais de política externa de recompensa e ameaça por determinadas ações e, dessa forma procura exercer influência através da construção de relações, persuadir através de narrativas convincentes e estabelecimento de regras internacionais.

O *soft power* é uma das ferramentas para trabalhar com os outros Estados. Além disso, para avançar questões de política externa, com parceiros inclinados a mesma cultura ou visão de mundo é muito mais barato do que pressionar outros por meios coercitivos (ALMEIDA, 2018).

O *soft power* também foi utilizado em disputas por supremacia. O cinema sempre foi um dos meios utilizados pelos Estados Unidos como forma de espalhar seu *soft power.* Por anos, o cinema norte-americano escolheu os alemães, os russos e até mesmo seus vizinhos mexicanos como inimigos e sempre foram tratados como bandidos nos filmes distribuídos por todo o mundo (ALMEIDA, 2018). Concomitantemente, esses mesmos filmes transmitiam e propagavam valores nos quais os EUA apoiavam sua base, como a liberdade individual, o patriotismo e um modelo capaz de chefiar as grandes decisões políticas ao redor do mundo.

Considerando os pontos abordados anteriormente, abaixo serão abordados filmes como Rocky IV, Bastardos Inglórios e Dr. Strangelove, demonstrando como Hollywood utilizou o cinema como forma de *soft power.*

2.1 O CINEMA COMO RECURSO DE *SOFT POWER*

De 1917 em diante, o presidente Woodrow Wilson, o primeiro democrata depois de anos de regime republicano, demonstrou-se favorável ao "espírito pioneiro". Logo, ao tomar conhecimento do potencial político de Hollywood, a indústria cinematográfica e cultural estadunidense, auxiliou fortemente na transmissão dos filmes e reportagens, facilitando a comunicação com a sociedade (SOUZA, 2020). Neste contexto, o cinema foi usado como instrumento de *soft power*, com intuito de exaltar os valores nacionais e provocar o inimigo, podendo até mesmo exercer uma pressão política. Foi possível narrar fatos e criar histórias fictícias, gerando uma difusão ideológica pelo mundo, como afirma Barros (2007). Contudo, também não podemos negar os determinados valores e crenças expostas pela indústria como: capitalismo, liberalismo, individualismo e a democracia. (SOUZA, 2020).

Na época os jornais e as revistas já podiam disseminar os ideais hegemônicos e os capitalistas, entretanto o cinema e a televisão, conseguiam fazer com que não se demonstrasse de forma tão intencional, conseguindo influenciar de forma mais ampla.

A classe mais influenciada era a classe média branca, no qual conseguiam ter mais acesso a esses recursos. Através de seriados, era apresentado a facilidade de conseguir uma boa vida e um bom futuro com os privilégios que o país fornecia e sempre agregando fortemente a questão capitalista. (Karnal, 2007).

A partir da ideia de Eric Hobsbawm (1995), vimos que o cinema hollywoodiano foi utilizado como uma ferramenta para a comunicação de forma mais abrangente e, em menos de um século, passou a ser uma das maiores indústrias do país. Com o passar do tempo, se tornou global sendo capaz de formar, influenciar e vender a outros países seus próprios ideais sobre tudo que se remetia aos Estados Unidos, demonstrando também a questão dos valores e patriotismo.

A partir disso, podemos colocar em análise o filme "Rocky IV" (1989), para usar como exemplo de um filme que teve vinculações a ideais da guerra fria, mostrando assim, como a indústria cinematográfica faz o uso da história, com privilégios dos Estados Unidos.

No filme, não temos a narrativa da política nacional dos EUA, mas sim da política internacional, com denominação da história da guerra fria, conseguimos observar a questão dos valores nacionais e também a pressão política de forma implícita.

Com ligação à Doutrina Truman, a qual é considerada uma das mais influentes e que auxiliou os EUA na organização dos pensamentos estratégicos para combater a União Soviética e na questão do comunismo, vemos a ideia de se contentar em os Estados Unidos procuraram se proteger da URSS. É a mesma ideia que é possível vermos como estratégia na

coletiva que ocorre antes da luta entre Drago e Apollo, no filme Rocky IV (1985). Nessa cena se põe quanto uma metáfora em relação ao início da guerra fria:

> Repórter: Apollo, o que fez você decidir dar esse show com o Drago?
> Apollo: Chame isso de responsabilidade.
> Repórter: Responsabilidade? Como?
> Apollo: Preciso ensinar esse garoto a boxear no estilo americano.
> Repórter: Drago não é um pouco inexperiente para estar no ringue com você?
> Apollo: Algumas pessoas só aprendem na pancada.
> Repórter: Alguma previsão de nocaute?
> Apollo: Não estou com raiva dele. Só quero mostrar que a Rússia não tem todos os melhores atletas. (ROCKY IV, 1985)

Perante o diálogo, vemos a identidade do Apollo com os EUA e do Drago com a URSS. No qual, se põe a mesma responsabilidade que os Estados Unidos se apresentou em relação à América Latina na Doutrina Monroe. Podemos ressaltar os trechos "boxear no estilo americano" e "algumas pessoas só aprendem na pancada".

Com o passar do filme é possível encontrar diversas falas e situações que vem de encontro a época, como podemos ver na fala: "– Mas para me vencer, ele terá de me matar. E para me matar ele precisa ter coragem de ficar diante de mim. E para fazer isso, ele deve estar disposto a morrer também."

Assim, Rocky muda as frases de vingança e passa para o pacifista e finaliza dizendo: "– Se eu posso mudar, vocês podem mudar, todo mundo pode mudar". Conhecendo a história, foi dito isso em relação à mudança geral sobre a Guerra Fria e não apenas a mudança individual. E se encerra aplaudido pelos espectadores fictícios, que eram compostos por atores que interpretaram os soviéticos.

Em diversas cenas, se torna possível encontrar este tipo de vinculação, como no diálogo exposto.

Para Huizinga (2017) o cinema se torna um mecanismo de distração no qual impede de tornar o cinema um produto de alta cultura.

A grande dúvida sobre os filmes da indústria estadunidense é se todo o contexto, diálogos e acontecimentos são de escolhas da indústria em si ou se tem influência do governo de alguma forma.

3 CULTURA E IDEOLOGIA ESTADUNIDENSE

Nessa seção, ao analisarmos a cultura e ideologia estadunidense, devemos retornar às raízes e à sua história. A Inglaterra, segundo Karnal (2011), com as pretensões do Novo Mundo surgindo a partir do século XV, influenciada, principalmente pela colonização espanhola e portuguesa em um cenário de monopolização de novas terras americanas advindas dos países Ibéricos e pelo seu avanço populacional; pela abertura de novos mercados e terras agricultáveis; e pelo avanço do puritanismo da Grã-Bretanha, vislumbra-se uma terra de novas oportunidades.

Ainda sob Karnal (2011), a partir dos avanços das companhias de Londres e Plymouth, os quais se diferenciam da colonização Ibérica por serem empreendimentos privados, ficou acordado que ficariam responsáveis pelas terras do norte e sul, respectivamente, porém pelo estatuto do Estado inglês. Todavia, havia um "campo neutro" entre os dois empreendimentos para que não houvesse disputas jurídicas na região, onde hoje é Nova Iorque que ficou sob responsabilidade dos holandeses fundando a Nova Amsterdam. As respectivas companhias tinham autonomia na colonização, no qual emigraram para as novas terras os puritanos Britânicos e Holandeses.

Segundo Galdioli (2008), foram fundadas as treze colônias com influência da ânsia teológica puritanista, principalmente a colônia de Massachusetts os colonos puritanos perseguidos pelo estatuto inglês conseguiram nessas novas terras a liberdade de professarem sua fé. Os emigrantes puritanos tinham a visão de futuro com suas retóricas aumentavam e justificavam o seu crescimento colonial. Ao direcionar sua retórica à classe média com simbologia e crenças, alimentava o nascimento de uma religião civil para que o povo já estivesse em direção ao mundo moderno. Nasce na América com seu capitalismo democrático e onde cria-se a cultura de classe média.

Massachusetts teve um caráter puritano e libertário, contrário aos arbítrios de um possível governo. Para James F, Cooper Jr (1999):

> In Massachusetts, principles of free consent, limitation on authority, higher law and popular participation would no longer remain theoretical notions debated in clerical treatises and practiced in a few isolated, outcast churches. (…) The faithful would base every decision bearing on church government upon the higher laws found in Scripture rather than the carnal whims of men. (COOPER, p.14, 1999)

Em sua teologia também está presente a caracterização de riqueza, ou seja, o trabalho como meio de sua salvação espiritual. A este propósito, Galdioli (2008), novamente nos traz o ensinamento que a vida mundana deveria incluir o trabalho para ser bem-sucedido como se Deus tivesse colocado a pessoa em tal ofício.

Com o Puritanismo, no qual traz consigo toda a teoria teológica do capitalismo, as colônias foram em direção do desenvolvimento, ao ponto de reivindicar sua independência da metrópole, com a frase: *"No Taxation Without Representation"* ou "Nenhuma Tributação Sem Representação". Para os colonizadores americanos, por falta de representatividade e com a taxação imposta às leis da Inglaterra, como a Lei do Selo e a Lei do Açúcar, era ilegal pela Declaração de Direitos de 1689 e assim acreditavam que não eram representados pelo Parlamento Britânico (NEWLOW, 2021).

Desta forma, se estabelece o Primeiro Congresso Continental em 1774 e, consequentemente, a Guerra da Independência dos Estados Unidos (1776 -1783), com a antiga colônia britânica sendo a primeira colônia americana que se torna independente das metrópoles europeias.

Um dos patriarcas da Independência dos EUA, Thomas Jefferson, defendia uma das maiores ideologias americanas. Segundo Pinheiro (2017), este patriarca defendia os direitos naturais dos homens (vida, liberdade e busca pela felicidade) a partir da legalidade e das relações formais. Acreditava-se que a lei deveria estar acima das demais esferas da sociedade, sendo os direitos criados por "Deus" formalizados na jurisdição da nação.

Observa-se a proteção da ideia de vida, liberdade e propriedade com a influência do cristianismo em suas concepções de mundo e de valor. Pode-se afirmar que definem seu perfil nacional, influenciando diretamente o imaginário popular e suas escolhas futuras. O sentido dos experimentos da liberdade e democracia, no qual se caracteriza como destino e missão, assim como o direito de expandir o estilo de vida na esfera de seu regionalismo e com o objetivo de estabilidade e enriquecimento global (GALDIOLI, 2008).

Outra influência a ser destacada é o Destino Manifesto que foi a crença que o território das Treze Colônias deveria se expandir rumo ao Oceano Pacífico. O termo foi criado pelo jornalista John Louis O'Sullivan em 1845, no qual reside no princípio calvinista de que Deus escolhe seus eleitos. Segundo Ramos e Miranda (2007), explica-se o espírito expansionista dos Estados Unidos, onde habita, desde os colonos ingleses, o espírito de conquista e dominação.

O Destino Manifesto é base ideológica para expansionismo e nacionalismo estadunidense. No século XIX, mais especificamente na década de 1850 são aceitas pelo povo. Simão e Mota (2018) nos ensina: "o expansionismo tornava-se cada vez mais imperativo, em acordo com as mudanças advindas das recentes revoluções industriais e exploração marítima, tornando-se imprescindível para o crescimento econômico".

Segundo Costa (2011), a Providência justificava a sua expansão e sua forma de governo federativo. O termo significou o desejo e o ideal de se expandir. Quanto às guerras de expansão do território, o "destino" se justificava com a maior anexação de territórios e a busca de se fazer mais americanos aos olhos do Criador. Expandindo também sua visão de democracia para mais territórios possíveis.

Costa destaca também que surgia o movimento América Jovem com a visão inferior de outras nações e outros povos, ainda que enxergassem de quem não era parte da nação nascente fazia parte do mundo incivilizado. Já havia a crença de que o modelo americano era superior aos demais modelos, acreditava-se que o valor do indivíduo pertencente aos Estados Unidos da América era superior ao resto do mundo, traduzindo-se seu caráter expansionista.

É possível observar-se que psicologicamente e no imaginário do estadunidense há a máxima de um advogado e político de Massachusetts, James Sullivan. Em 1857, ele dizia que o destino de sua raça é a expansão dos Estados Unidos sobre o continente americano, desde o Ártico até a América do Sul e que não haveria impeditivos para tal objetivo.

Outro contexto histórico importante a se destacar é a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque e a Grande Depressão em 1929, onde o presidente americano Franklin Roosevelt instalou o "*New Deal*" para subsidiar a economia. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o resultado foi o "*American Way of Life*" ou "Estilo de Vida Americano", no qual todo o país virou referência mundial em bem-estar pelo consumo (WACHTEL, P. 1989).

O nacionalismo, o liberalismo e o consumismo foram uma propaganda fundamental na Guerra Fria, em que os estadunidenses instalaram no mundo polarizado a sua cultura e suas ideias. Até ao pronto do próprio cinema ser usado como arma na disseminação dos valores americanos (CUNHA, 2017).

4 ASCENSÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO PERÍODO DA SEGUNDA GUERRA

Enquanto a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) resultou na morte de mais de 50 milhões de pessoas (AURÉLIO, 2013) e deixou muitas infelicidades, alguns países se beneficiaram muito, especialmente os Estados Unidos que não estavam diretamente envolvidos na guerra, mesmo assim, saíram de maneira gloriosa.

Desde que eclodiu a Segunda Guerra Mundial, em 1939, os Estados Unidos declararam sua neutralidade, não participando de guerras e vendendo armas em troca de capital. Essa manobra política teve como nome Lend and Lease. Durante os primeiros dois anos da guerra, venderam armas, equipamentos militares e mercadorias para países aliados, especialmente Reino Unido, França e União Soviética. Porém, após passar alguns anos do

início da guerra, a situação ficava cada vez mais difícil para os Aliados. A Alemanha influenciava basicamente toda a Europa Central, enquanto o Reino Unido mantinha-se como um dos poucos que resistiam ao avanço Nazista no continente. Roosevelt, presidente americano na época, sabia que se os britânicos caíssem, Hitler teria um caminho aberto para dominar o que restava da Europa, juntamente com Japão e Itália, estendendo o domínio também para o Mediterrâneo e Ásia.

De acordo com a lei da neutralidade, aprovada pelo congresso americano ainda nos anos 1930, os Estados Unidos só podiam vender armas com pagamento à vista para Estados que estivessem em guerra. Porém como a economia do Reino Unido estava destroçada, Churchill não obtinha capital para comprar as armas de Roosevelt e Roosevelt não podia vender essas armas a crédito, pois o congresso ainda era maioritariamente isolacionista. Roosevelt, com receio de um domínio da Alemanha perante a Europa e parte do mundo, resolveu então, emprestar armamentos e suprimentos para Aliados recebendo como garantia de pagamento, territórios e bases no estrangeiro. Essa manobra foi denunciada por congressistas americanos, mas, posteriormente, virou uma lei. Assim os Estados Unidos continuaram ajudando os aliados europeus (KIMBALL, 1969). No verão de 1941, os Estados Unidos congelaram os ativos financeiros japoneses no exterior e sobretudo, colocaram um embargo de petróleo. Isso representou de fato um duro golpe ao Japão, que não contava com grandes reservas de petróleo e tinham que importar grande parte do petróleo que utilizavam, justamente dos Estados Unidos. As imposições americanas e o diálogo já não tinham mais frutos.

Até que em 7 de dezembro de 1941, o Japão bombardeou a base militar norte-americana em Pearl Harbor, nas ilhas havaianas, paralisando a Marinha e a Força Aérea dos EUA no Pacífico. Atrás desse ataque japonês, existem duas grandes falhas: o Japão não conseguiu danificar os tanques de estocagem de petróleo que existiam lá, oferecendo uma sobrevida aos Estados Unidos e não atacar os navios porta aviões americanos que não estavam atracados lá durante o ataque, que posteriormente foi se tornar o ativo naval mais importante utilizado na Segunda Guerra. Ou seja, apesar das baixas sofridas, os dois fatores mais importantes não foram atingidos com sucesso: suprimentos de petróleo e domínio aéreo (FARRINGTON, 2014). Diante do ocorrido, os Estados Unidos declararam guerra ao Japão.

Alguns dias depois, a Alemanha e a Itália também declararam guerra aos Estados Unidos, forçando-os a se juntar à guerra global. Diante de três inimigos poderosos ao mesmo tempo, os Estados Unidos mobilizaram todos os seus recursos nacionais para se concentrar na guerra. As plantas industriais foram convertidas para a produção de mais armas e mais equipamentos militares. Foram convocados de jovens a idosos para trabalhos de produção nas

fábricas em tempos de guerra e graças a isso, a taxa de desemprego caiu consideravelmente. Simultaneamente, foi emitida a ordem de alistamento e o número de militares americanos aumentou. Com isso, as forças armadas rapidamente treinaram e melhoraram suas capacidades de combate. (GILBERT, 2014).

Além disso, o campo da ciência e tecnologia dos Estados Unidos também avançou rapidamente para ajudar a produzir as mais modernas armas de guerra. Em 1944, os Estados Unidos lideravam o mundo: não apenas tinham armas suficientes para usar, mas também as vendiam para os aliados como Grã-Bretanha, União Soviética e outros países. O país norte-americano foi o único Estado que não foi atacado em terra, portanto, fábricas, estradas e estruturas não foram danificadas e isso foi um dos pontos extremamente favoráveis para o desenvolvimento da economia americana durante a guerra. No final dela, os Estados Unidos detinham a maior parte da reserva de ouro do mundo, quando o acordo de Bretton Woods foi assinado pelos países europeus concordando em substituir o padrão ouro pelo dólar americano como moeda global, estabelecendo assim, os Estados Unidos como a potência dominante na economia mundial economia (GILBERT, 2014).

Em resumo há três razões pelas quais os Estados Unidos prosperaram durante a 2a guerra mundial. A primeira delas foi a neutralidade nos primeiros anos de conflito e as vendas de armamentos para aumento da economia. Em segundo plano, a guerra ajudou o Estado a mobilizar todos os seus recursos para se concentrar na produção em massa dos principais itens que os demais Estados necessitavam naquele momento. E em terceiro lugar, não houve conflitos em território americano, o qual foi o principal item para tal ascensão. (CHURCHILL, 2019).

4.1 O CINEMA HOLLYWOODIANO ENTRE A SEGUNDA GUERRA E A GUERRA FRIA

No período que se dava início a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), *Hollywood* lançou poucos filmes anti-Eixo. Porém, isso mudou uma vez que após o ataque dos japoneses à base de Pearl Harbor, a indústria cinematográfica rapidamente se envolveu por completo por conta da guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, os filmes deram um impulso sem precedentes à moral e ao recrutamento das forças armadas americanas, tornando o cinema a forma mais importante de mídia popular produzida durante a guerra. Esta importância é demonstrada pelo uso extensivo de filmes em propaganda, recrutamento, e reforço da moral (KOPPES, C., 1987 pág.682).

Hollywood também foi responsável pela produção de muitos filmes de treinamento militar. Em geral, as expectativas que as pessoas tinham quando se alistaram no serviço militar era, muitas vezes, moldada por filmes:

> A maior contribuição de Hollywood para o esforço de guerra foi a moral. Muitos dos filmes produzidos durante a guerra eram gritos de guerra patrióticos que afirmavam um senso de propósito nacional. Os filmes de combate dos anos de guerra enfatizavam o patriotismo, o esforço de grupo e o valor dos sacrifícios individuais por uma causa maior. (Mintz, 2018, Digital History).

Mais tarde, com o fim da Segunda Guerra e início da Guerra Fria, os objetivos da propaganda americana, nos filmes principalmente, passaram a ser um catalisador para provocação de mudanças sociais, provocando desafios a ideologia comunista e encorajando a desestabilização do comunismo, com o principal alvo sendo os países do Leste Europeu (DOMINGUES, 2018).

A utilização de filmes, propagandas, e outras formas de arte que depreciavam a ideologia comunista no exterior e a promoção da cultura e do modo de vida nos Estados Unidos, ficou conhecida como Americanização. Na antítese de propagação dos ideais americanos, filmes como Dr. Strangelove ou como aprendi a parar de me preocupar e amar a bomba (j) insurgiram-se como uma resposta artística ao paradigma do consenso liberal, ideologia dominante na América dos anos 1960, que apoiava o crescimento do arsenal nuclear americano contra a ascensão da "ameaça comunista". A película usa a comédia para retratar refletir como um problema tão sério crescia, sem solução, e em proporções catastróficas, nas mãos dos líderes americanos e soviéticos.

A história do filme gira em torno de um general americano que lança um bombardeio nuclear contra a União Soviética, sem a aprovação do presidente dos Estados Unidos, que daí em diante passa a tentar reverter o *armagedon* convocando um grupo de conselheiros e militares, entre eles o Dr. Strangelove, o qual revela que o inimigo possui uma arma ainda mais poderosa, e que revidará causando o fim do mundo, então todos se conformam e passam a planejar o mundo depois do fim.

O *soft power* da arte em crítica ao militarismo, terminou por intensificar a erosão da confiança de alguns cidadãos americanos na sabedoria da política nuclear do país, e do seu "*A world that works, pelo uso da força*" (PAIVA, 2012).

No final dos anos 2000, Bastardos Inglórios (TARANTINO, 2009) manteve o uso do *soft power* no cinema de Hollywood, mas dessa vez para contar, também de forma cômica, parte da brutalidade, desrespeito aos direitos humanos e quebra de acordos também praticados do "lado aliado da força".

Em uma unidade militar estadunidense, especializada em táticas de guerrilha e tortura, o tenente Aldo Raine (O Apache) comanda uma caçada aos oficiais nazistas. Usando crueldade e terror psicológico para intimidar seus inimigos, mas sempre agindo de forma tranquila. Reside a ironia no fato de a violência ser desculpada por estar a serviço "dos mocinhos", como são lembrados os países aliados na Segunda Guerra Mundial, guardadas as questões históricas, e focando na obra de cinema, o filme usa uma temática clássica, para rediscutir as guerras travadas pelos EUA nos anos 2000, especialmente a ocupação militar do Iraque e Afeganistão.

O espectador mais atento, poderia refletir que naquele momento, força americanas estavam ocupando nações soberanas, da mesma forma que a Alemanha Nazista Segunda Guerra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abertura da discussão, para compreender a projeção estadunidense ligada a ferramenta de *soft power,* foi possível analisar que no caso dos Estados Unidos, sua moeda de poder no período em discussão, foi o *soft power* na questão cinematográfica: a ferramenta foi um papel indispensável na criação e desenvolvimento de lideranças e vantagens.

Podemos até mesmo dizer, que esse objeto exerceu um bom desenrolar para o avanço das tecnologias.

A indústria cinematográfica contribuiu fortemente e ainda tem o que contribuir na questão de transpassar uma boa imagem dos valores americanos, pois é consumido em todo o mundo de forma muito abrangente, logo acaba se tornando um claro *soft power* dos EUA e de grande importância.

Podemos perceber tal presença nos filmes citados, como Dr. Strangelove, "Rocky IV" e "Bastardos Inglórios". Na análise nos filmes, podemos ressaltar que sempre apresentavam de alguma forma o conceito criado na Segunda guerra, o mesmo utilizado na Guerra Fria, em que havia dois lados, o certo e o errado, o bem e o mal, representado como o capitalismo e o socialismo, mesmo que de forma minuciosa, mas no qual conseguia passar a ideia para os telespectadores.

O cinema tornou-se um produto com alta facilidade de ser consumido no qual tinha uma disseminação de poder brando. Claramente eles não têm apenas esse foco de dualidade, também possuem a produção de filmes com a proposta de diversão, e assim não fica repetitivo

e mal consumido, mas não quer dizer que alguns também não passem a cultura e princípios americanos.

Há de se dizer que nos tempos atuais esse produto também é consumido dentro da própria casa e não só nas salas de cinema, seja na televisão e até mesmo nos computadores.

Pode-se concluir tamanha importância que a indústria hollywoodiana teve na atuação política dos Estados Unidos ao longo do período.

Apresentou as realidades distintas e serviu como um instrumento de aproximação de certas realidades, porém contribuiu fortemente para a significação e disseminação de fenômenos históricos e certos regimes ditatoriais.

Isso tudo com um caráter formativo, capaz de influenciar em diversos aspectos, como de pensar e agir, sendo capaz também de direcionar opiniões do senso.

Essa influência subsequente no pensamento político dos EUA, tem presentemente uma ampla variedade de fatores culturais, políticos, econômicos e históricos.

Porém, não podemos concluir que a indústria foi utilizada como objeto de manipulação, mas sim, como objeto de influência de grande importância para a consolidação dos Estados Unidos como principal potência do século XX.

REFERÊNCIAS

ARANTES, J. A manipulação das consciências pelo cinema. **Agência Fapesp**. 2013. Disponível em: https://agencia.fapesp.br/a-manipulacao-das-conciencias-pelo-cinema/17809/. Acesso em: 05 set. 2022.

AURÉLIO, D. **Segunda Guerra: A História Oficial e seus heróis anônimos** - Universo dos Livros Editora, 2009.

BASTARDOS Inglórios. Direção**:** Quentin Tarantino. Produção de Weinstein Company. Alemanha: Universal Pictures, 2009. Prime Video.

BURAK, M; KOYUNCU, S. Cinema as a soft power instrument: Hollywood cinema case. **International Journal of Social Sciences and Education Research**. Turquia: International Journal of Social Sciences and Education Research, vol. 3, no. 3, pp. 836-844, Jul. 2017. Disponível em: https://dergipark.org.tr/en/pub/ijsser/article/307385. Acesso em: 10 set. 2022.

BUSINESS Standard. Pearl Harbor provided America a position of soft and hard power after WWII. **Business Standard**, 2018. Disponível em: https://www.business-standard.com/article/international/pearl-harbor-provided-america-a-position-of-soft-and-hard-power-after-wwii-118120700543_1.html. Acesso em: 04 out 2022

COOPER, F**. Tenacious of Their Liberties**. The Congregationalists in Colonial Massachusetts - Oxford University Press, 1999, p.14.

COSTA, P. O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial. **Anais do V Congresso Internacional de História**.[S.l], set. 2001. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/224.pdf. 29 set 2022.

CUNHA, P.. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. Tese (Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, 2017.

DICKSON, W.; DICKSON, A. **History of the Kinetograph, Kinetoscope, and Kineto-phonograph,** Nova York, 1895. E-book**.** Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=fMnMYOBwPzEC&oi=fnd&pg=PA15&dq=William+Kennedy+Laurie+Dickson&ots=gtNaxn9vwl&sig=_CMdeBEjUQmc_Z50gxgjDgVrUPU#v= onepage\ q\ f= falso. Acesso em: 08 set. 2022.

DR. STRANGELOVE. Direção: Stanley Kubrick. Produção de Hawk Films. Reino Unido: Columbia Pictures Corp., 1964. Apple TV.

DOMINGUES, J. A propaganda ideológica da Guerra Fria em 14 cartazes de época. **Ensinar História**. 2018. Disponível em: https://ensinarhistoria.com.br/propaganda-ideologica-da-guerra. Acesso em: 11 nov. 2022.

ESPAÇO do conhecimento. **Uma breve história da escrita**, 2020. Disponível em: hhttps://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/. Acesso em: 14 set. 2022

FERNANDES, C**.** Nascimento do cinema. **Pre Para Enem.** 2020. Disponível em: https://www.preparaenem.com/historia/nascimento-cinema.htm. Acesso em: 16 out. 2022.

GALDIOLI, A. **A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos**: o caso do Brasil durante a política de boa vizinhança. 2008. 147 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/96282. Acesso em: 28 set 2022.

HOBSBAWM. E. - **International Labor and Working-Class History, Volume 83: Strikes and Social Conflicts**, 2013. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/international-labor-and-working-class-history/article/abs/introduction-to-a-1995-conversation-with-eric-hobsbawm/08A707A7FA5EAB0BEDAF3F53A93532B8. Acesso em: 18 nov. 2022.

KARNAL, L**.** et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6816843/mod_resource/content/1/HISTORIA_DOS_ESTADOS_UNIDOS%5B1%5D.pdf. Acesso em 03 out 2022.

KOPPES. C et al. **Hollywood Goes to War: How Politics, Profits, and Propaganda Shaped World War II Movies**. New York: The Free Press, 1987.

MARQUES, C. A arte rupestre **- Monções UFMS/CPCX** - V. 3, N. 4,. UFMS. Coxim, 2016.

MEARSHEIMER, J.J. **The tragedy of great power politics**, New York: Norton, 2001

MEDEIROS, A. Cinema e política. **Sabedoria Política**. 2017. Disponível em: https://www.sabedoriapolitica.com.br/arte-e-politica/cinema/. Acesso em: 07 dez. 2022.

MELO, É. *et al*. *Soft Power*: A mídia Hollywoodiana e a transmissão dos valores norte-americanos. **RICRI - Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais.** Vol.5, No.9, pp. 57-68 Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/36252/19230. Acesso em: 09 nov. 2022.

NEWLOW, J. *et al*. **No Taxation without Representation**. 2021. Disponível em http://www.u-s-history.com/pages/h640.html. Acesso em: 28 nov. 2022.

NYE. J. **Paradoxo do Poder Americano** - UNESP, 2002.

NYE. J. **Soft Power: The Means To Success In World Politics** - PublicAffairs, 2004.

OURIVEIS, M**.** *Soft power* e indústria cultural: A política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo. **RARI - Revista Acadêmica de Relações Internacionais.** Edição N°4 Vol. II. 2013 Disponível em: https://rari.paginas.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N%C2%B04-Vol.-II-Artigo-7.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

PEREIRA, W**.** Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões e Debates**. Curitiba, vol. 38, n. 1, p. 101-131, 2003. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2716/2253. Acesso em: 05 dez. 2022.

PINHEIRO, M**.** Thomas Jefferson: a liberdade e o direito (1774-1779), **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** - UNB. Contra o Preconceito: História e Democracia. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502195561_ARQUIVO_ANPUH2017ThomasJeffersonNOVO.pdf. Acesso em 18 set 2022.

RAMOS, A et al. **Religião Civil, destino manifesto e a política expansionista estadunidense**. Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates. Fortaleza, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/index.php/2015/article/view/1595/1443. Acesso em: 25 nov. 2022.

RUIZ, J**: La doctrina en la política exterior de Estados Unidos: de Truman a Trump.** Catarata, Madrid 2017.

ROCKY IV. Direção: Sylvester Stallone. Produção de Irwin Winkler. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), 1986. Prime Video.

SELLERS, C. *et al*. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos.** Rio de Janeiro. Zahar, 1990.

SIMÃO, L.; MOTA C. Destino Manifesto: impulso ou obstáculo para a formação da nação? **Revista Mundo Livre**. Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 102-16, 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/mundolivre/article/view/39970/23044. Acesso em: 10 out. 2022.

SOUZA, M. - **O Brasil do cinema nacional no ensino de história, 2020**. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219281/PEED1530-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 13 nov. 20222.

THOMSON, S. *Soft Power: Why it Matters to Governments, People, and Brands*. ***Brand Finance***. 2020. Disponível em: https://brandfinance.com/insights/soft-power-why-it-matters. Acesso em: 29 set. 2022.

WASKO, J. A indústria americana de cinema. CENA - centro de análise do cinema e do audiovisual. 2022. Disponível em: https://www.cena.ufscar.br/a-industria-cinematografica-americana/. Acesso em: 10 set. 2022.

WACHTEL, P. L. ***The poverty of affluence:*** *A psychological portrait of the American way of life. New Society Publishers*. 1989.

Wartime Hollywood **Digital History: Word War II.** 2022 Disponível em: https://www.digitalhistory.uh.edu/teachers/modules/ww2/wartimehollywood.html. Acesso em: 21 set. 2022.

WOLF, G. **A Relação do cinema dos Estados Unidos com a propaganda de Guerra.** do curso de Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing. 2004. Trabalho de bacharelado do curso de Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília. Brasília 2004. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1304/2/20127101.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

WORLD 101 - *From the Council on Foreign Relations*. ***What Is Soft Power?*** 2022. Disponível em: https://world101.cfr.org/foreign-policy/tools-foreign-policy/what-soft-power. Acesso em: 21 set. 2022.